Anno II — 20 de Janeiro de 1906 — Num. 20

O CONGRESSO

ASSIGNATURAS
Anno . . . . . 5$000
Semestre. . . . 2$500

Orgão defensor dos Operarios das Pedreiras

Editor: MARCELLINO RAMOS

União e Resistencia | Publicação quinzenal regida por operarios | Liberdade e Justiça

PELO OPERARIADO

E' tão complicada a situação do operariado n'esta cidade em suas organisações, que nós, se alguma coisa queriamos escrever sobre esse assumpto, não sabemos de qual ponto havemos de principiar.

Existe uma Federação intitulada Federação Operaria Regional Brasileira, aonde estão federadas a maior parte das associações operarias.

Existe O Centro das Classes operarias, instituição semipolitica, cuja missão consiste em enfraquecer as associações de classe, pois que sendo um Centro composto de operarios de todos os officios, enfraquece as associações dos relativos officios sem nada fazer de util para os seus associados.

Existe a União Operaria do Engenho de Dentro, tambem é um Centro de Classes que enfraquece as associações ligadas á Federação. Não discutimos a sua utilidade; no emtanto pensavamos que estes dous Centros operarios deviam ter outro fim — e seria a organisação de associações de classe dos operarios que se lhe fossem agremiando, e logo que tivesse numero bastante para isso; mas nada disto se dá.

Vemos que a União Operaria do Engenho de Dentro é tambem uma Federação, pois têm sociedades filiaes pelo interior do Brasil que obedecem á sua orientação.

Pondo de parte tudo isto, o que nos provocou a rabiscar estas linhas tortas foi o Congresso Operario a realizar-se em 1º de Maio do corrente anno, e por iniciativa da União Operaria do Engenho de Dentro.

Cremos ser isso um facto, pois temos accompanhado as adesões de muitas sociedades ao dito Congresso; mas desta Capital aonde ha mais de trinta sociedades operarias nada observamos a esse respeito.

Lêmos, e ja nem sabemos aonde, que desse congresso sahirá a União Geral dos trabalhadores do Brasil: se assim for para onde se irá mudar a Federação Operaria Regional Brasileira? mandarla-hão para o Acre? talvez! O Congresso de 1º de Maio não admitte as ideias libertarias.

Falou-se tambem em um Congresso Internacional Operario no Rio de Janeiro, e nisto andou envolvida a Federação desta Capital; não sabemos se se realizará.

A par de todo este movimento o Congresso União dos Operarios das Pedreiras, conserva-se neutro e se está nesta espectativa e por não saber para que lado se ha de virar, e isto em virtude da agitada orientação que vê em torno de si.

Sabemos que não é este o nosso papel, mas contentamo-nos com elle por ver-se que não ha uma orientação firme e puramente operaria em torno da qual se unam, enthusiastas, todos os operarios do Brasil.

Em todo caso não será de estranhar que, aplainadas diversas divergencias de que não temos a minima responsabilidade, O Congresso União dos Operarios das Pedreiras venha em breves tempos a fazer parte da Federação Operaria Regional Brasileira.

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

Em assemblea geral realisada em 17 do corrente as 7 horas da noite sob a presidencia do socio Marcellino Ramos foi empossada a Directoria eleita em assembleas de 7 e 14 do corrente para servir no anno de 1906, assim composta: Presidente, José Moreira da Silva; Vice Presidente, José Fontella; 1º secretario, Delphim Moreira Ramos; 2º secretario, Antonio da Silva Couto; thesoureiro, Luiz Manuel Pires; thesoureiro Adjunto, Joaquim dos Santos Catula; procurador, Manuel Joaquim Gomes.

Relator da Commissão de Melhoramentos Manuel Delphim Vieito; 1º secretario, Antonio Monteiro de Souza, 2º secretario, Manuel de Oliveira Marques; vogaes, Benjamim Insuelo e Antonio José de Castro.

Commissão de Finanças, relator, Domingos Pereira Gomes; vogaes, Firmino Pousa e João Martins 2º Commissão de Socorros, Relator, Alfredo Alves da Fonseca; vogaes Antonio da Costa Avellar e Antonio de Oliveira; Commissão de Sindicancia, Relator, Antonio Coelho; vogaes, Zulmiro Soares de Magalhães e José Garrido.

Todos estavão presentes.

Aos Operarios das Pedreiras

Companheiros! Tenho por dever expor os meus debeis conhecimentos sobre o trabalho de pedreiro.

A nossa illustração é bem pouca, todos estamos muito atrazados, e precizamos instruir-nos, pois só da instrucção e do verdadeiro conhecimento dos factos é que conseguiremos a nossa emancipação.

A vista disso, todos devemos trabalhar pela nossa emancipação, instruindo-nos o mais possivel, para que em breve tempo obtenha-mos um triumpho contra os capitalistas, pois até hoje estamos soffrendo as consequencias de uma escravidão cruel, baseada na nossa ignorancia, e pelo facto de não ter-mos a verdadeira comprehensão de sahir das garras do explorador burguez.

Para conseguir o que acima vos digo é necessario trabalhar muito contra a ignorancia que nos domina, não devemos poupar ao capitalista nada que nos rebaixe em nossos direitos, e para assim comprehendermos a luta, precisamos de instrucção, sem a qual nenhuma vantagem obteremos contra os que nos exploram.

O burguez vive parazitariamente a custa do suor roubado ao operario, e quando um operario faz obra que val 10 o explorador paga-lhe com 5; claro está que os restantes cinco são para o luxo, para a estravagancia, para as amantes e para sustentar a sua sempre arrendondada pança ao passo que o trabalhador mourejando de manhã até a noite, tem com os cincos amargurados mil reis que lhe pagaram de sustentar a si, a sua mulher e seus filhos, vestir-se, pagar o aluguel de casa aonde ainda é explorado infamemente; e tudo isto porque?

Porque nós não comprehendemos os nossos direitos e

nem as vantagens da associação.

Precizamos obrigar os nossos senhores exploradores a pagar-nos o valor, ao menos relativo, do nosso trabalho; precisamos um regulamento de horas de trabalho que nos dê tempo a instruir-nos, e qual esse meio? Acabar com o trabalho de empreitada que é o maior defeito da nossa classe e que não nos deixa seguir o rumo legal da emancipação.

No dia em que todos trabalharem por ordenado, teremos feito um grande passo na conquista dos nossos direitos porque então poderemos impôr o horario de 8 horas de trabalho e o limite minimo dos ordenados.

Podem alguns companheiros apregoar vantagens do trabalho de gaucho, porem nunca nos convencerão, porque nós, que queremos o trabalho de ordenado comprehendemos de uma forma irrefutavel as vantagens que surgem para a classe; pois a nossa ideia sobre o trabalho de ordenado está baseada na logica de factos provados em todo o mundo, aonde o operario tem pleno conhecimento de seus direitos.

E as vantagens do trabalho de empreitada quaes são? Unicamente a ambição e o egoismo; não vemos mais nada a não ser isto, e a forma de trabalho que elles adoptam de arruinar a saude trabalhando quanto pouder para afinal nada adiantar, a não ser prejuizo para os que sabem trabalhar debaixo de regra.

Tem mais uma vantagem os gaucheadores: é que perdem, as vezes, uma e duas ou mais horas nas tabernas a embriagar-se, e depois pensam em descontar o tempo perdido trabalhando a maior de suas forças, e por conseguinte arruinando-se; portanto companheiros, abaixo o sistema de empreitada e, avante com as oito horas de trabalho!

Manuel Senra.

Declaração Importante

O socio José Antonio de Souza, relator da Commissão de Soccorros de 1905, entrou no dia 17 do corrente para os cofres sociaes com a quantia de 218$800 que se achavam em seu poder e pertencentes ao Congresso.

AS RENUNCIAS

Sempre que no Congresso ha uma eleição para eleger a Directoria ou a nomeação de um companheiro para qualquer cargo, apparecem as renuncias, quero dizer: os companheiros renunciam os cargos a que são eleitos por não querer amolar-se a servir a nossa associação, e dá-se isso todos os annos, e, o que é mais, sem apresentar uma escusa fundamentada para assim proceder.

E isto é uma vergonha, uma covardia, uma falta de caracter.

Covardia e falta de caracter, porque os que assim procedem são quasi sempre aquelles que na taberna, no kiosque e na officina dizem mal dos Directores: uns ignorantes que não sabem o que se fazem, só comem da "cambuca" e... arranjão commissões!

Se por um acaso esses taes companheiros por uma vez em sua vida fallassem verdade e essa vez quando assim fallarem da Directoria, porque é que então elles não têm a hombridade de acceitar os cargos na Associação? Esses companheiros que assim murmuram das Directorias são naturalmente mais honrados e mais intelligentes, e, uma vez directores procederiam muito melhor: não diriam asneiras, não comerião da tal cambuca, não fariam commissões... emfim nada, e a sociedade progrediria aos cem, si não que vejam o estupendo programma, digno de publicar-se (tanto estamos em carnoval!) — quando houvesse reclamação das officinas mandar o reclamante ir ter com Zé Pereira, quando fosse preciso soccorrer os enfermos mandavão-se com um sacco e um realejo tocar no Passeio Publico em honra a Momo (o grande pandego dessa vida de pranto) e... quando fallecesse um socio... oh! então mandava-se botar na Sapucaya por medida de hygiene e não entristecer com um cortejo funebre a... bella allegria dos socios nesse tão sonhado carnaval!!!

Companheiros: eu vos digo que sois inconscientes e não tendes coragem para assumir a responsabilidade do que, por vicio de dizer mal, vos dizeis.

Vos sois até tão infames que, quando um director ou outro collega deixar a officina para fazer uma commissão vos querieis que elle fizesse essa commissão de graça, ainda que ella leve tres ou quatro dias, ao passo que vos não quereis perder um miseaavel quarto de dia a espera de pedra, ainda que chova e os vossos companheiros da rocha estejam parados!

Sois ou não egoistas? Quereis tudo bem pago e quereis que os directores andem de graça quando for preciso ausentar-se do trabalho donde, como vos, ganham a vida, para ir fazer valer os vossos direitos...!

Quanto cinismo!

(Continua)

RABISCOS

Todos os socios que desconfiaram do thesoureiro do Congresso, de 1905, tem obrigação de assistir á sessão do Poder Administractivo de Domingo 21 do corrente a 1 hora da tarde para ver a quitação geral que esse poder lhe vae passar á face dos documentos apresentados, como seja cadernetas do Banco e Caixa Economica, dinheiro, etc.

— O saldo existente em 31 de Dezembro de 1905 era de 17:251$071, assim dividido: 10:201$204, em caixa economica; 6:000$000, no Banco União do Commercio; 1:049$867, em cofre. A commissão especial apurou exactamente estes dados; se algum associado não confiava na commissão a culpa não é do thesoureiro, que nomeias sem outro! A commissão compunha-se dos socios Joaquim dos Santos Catulla, Manoel Leite e Firmino Pouza.

— O thesoureiro tem por dever declarar a qualquer socio que desconfie delle e queira ver doccumentos da thesouraria que não tem satisfações a darlhe; o socio tem o recurso do art. 34 paragrapho 7 da lei social.

— Só ao poder Administractivo é que compete tomar conta ao thesoureiro e no 1· mez de cada trimestre relativo ao trimestre findo; art. 16 paragrapho 2 da lei social.

— O thesoureiro não tem obrigação de mostrar os documentos da thesouraria; somente a dar verbal ou por escripto os esclarecimentos que se lhe pedir; art. 22 paragrapho 1· da lei social.

— O thesoureiro só tem obrigação de apresentar ao Poder Administractivo no fim de cada trimestre um balancete documentado da receita e despeza e no fim do anno um balanço geral para chegar ao conhecimento da assembléa geral; como chegou a 7 de Janeiro de 1906 com o parecer da cammissão: art. 22 paragrapho 4 da lei social.

— Só á commissão de Finanças compete, examinar os livros, contas e documentos da thesouraria, e verificar os balancetes confrontando-os com os documentos: art. 26 paragrapho 1 da lei social.

— Depois da posse o thesoureiro entregará ao seu successor, o dinheiro titulos e haveres do Congresso, e se lavrará um termo de quitação que sera assignado pelo Poder Administractivo: Art. 47 da lei social: é para Domingo 21 do corrente que se reune o Poder Administractivo, para passar a quitação e é quando o thesoureiro entregará o que está sob a sua responsabilidade.

A dois ou tres socios que alem de não confiar no thesoureiro, ainda desconfião da commissão de Finanças, da Commissão especial de exame de contas, emfim de todos os directores e parece que até de todos os socios, que fariam se elles fossem thesoureiros, livra!

— Um thesoureiro para ser á vontade de tres ou quatro socios deverá ter um T na testa e andar todo o anno pelas officinas, Kiosques e tavernas com as cadernetas e dinheiro pregado nas costas feito taboleta de amostras.

— Nunca confieis nos desconfiados.

PASSA TEMPO

AVISO — Tem nesta Redacção uma carta vinda de Portugal para o socio Manuel José da Motta.

Congresso União dos Operarios das Pedreiras

Assembléa Geral. Reuniu-se a Assembléa geral em sessão n. 71 a 23 de Dezembro as 7 horas da noite. Presidencia de Antonio Silva Barão.

Acta approvada.

Ordem do Dia. Foi lido um requerimente pedindo a convocação da presente Assemblea para readmittir o operario João Domingos.

Depois de forte discussão em que tomaram parte salientando a traição desse operario na greve de 1903, os companheiros Marcellino Ramos, Americo Pinto dos Santos, Antonio Barão, Francisco Pereira da Silva, Demetrio Gomes, e defendendo os companheiros João Gonçalves de Queiroz, João Pereira Lou eiro e Manuel da Costa, foi o operario João Domingos readmittido como socio e condemnado a pagar todo o seu debito em atrazo antes de começar a trabalhar no meio dos nossos companheiros e com obrigação de vir á secretaria 3 mezes diariamente assignar o seu nome em um livro.

Poder Executivo. Reuniu-se em sessão numero 164 em 10 de Janeiro sob a presidencia de Affonso Gomes secretariado por Bento Rodrigues e Antonio da Silva Barão.

Acta approvada.

Expediente. Foram lidas 9 propostas de candidatos a socios e enviadas ao Poder Administrativo.

Foi lido o officio de Antonio Monteiro de Souza dimittindo-se de

delegado na officina da Rua Alice; enviou-se á commissão de melhoramentos.

Forão lidos 8 officios de companheiros eleitos para a Directoria renunciando os cargos; foram enviados á Assembléa Geral.

Foi dispensado de mensalidades o socio Joaquim Ferreira Marques por retirar-se para Europa.

Foi lido um officio da Sociedade de canteiros da Turunã tomado em consideração.

Bem Social. Foi resolvido convocar-se a assembléa geral para eleição dos cargos que renunciaram para o dia 15 do corrente.

Foi resolvido auxiliar por meio de uma collecta o socio Antonio de Souza Motta.

Poder Administrativo. Reuniu-se em sessão n. 101 em 7 de Janeiro sob a presidencia de Affonso Gomes secretariado por Manuel Tatto e Antonio da Silva Barão.

Acta approvada.

Expediente. Foram lidas e approvadas 21 propostas de candidatos a socios.

Foi lido um officio dos Canteiros de Orense fazendo diversas perguntas — resolveu-se officiar-se.

Foi lido um officio da Sociedade dos Marceneiros, convidando o Congresso a representar-se na posse de sua Directoria a 6 do corrente; foi resolvido officiar-se mostrando-lhe as razões porque se não pode comparecer.

Foi lido outro officio identico da União dos Machinistas Terrestres officiou-se no mesmo sentido.

Foi lido um officio da Sociedade M. Artistas Amantes da Arte, agradecendo uma offerta do Congresso e desejando aos operarios das pedreiras o mais feliz futuro.

Foram lidos officios dos socios Santhiago Escudeiro, Clemente Pinheiro e Manuel Solha Esteves, pedindo dispensa de mensalidades e certificado do seu comportamento por retirar-se para Europa, attendidos.

Foi lido um officio do socio José Dias dos Santos communicando o seu regresso e pedindo recibos, attendidos.

Foi lido um officio do socio João Ferreira de Souza pedindo a intervenção do Congresso para receber 16 dias de trabalho que lhe devem os industriaes Geraldo & C. foi resolvido o procurador proceder na forma da lei.

Bem Social: foi resolvido pagar pelo relatorio do Presidente e da Administração de 1905 e seus accessorios 250$000.

Assemblea Geral. Reuniu-se a assemblea geral em 3 de Janeiro de 1906, Ordinaria.

Acta approvada.

Ordem do Dia: O presidente do Congresso apresentou um bem elaborado relatorio e o 1· secretario procedeu a sua leitura que foi longa e descriminando todo o movimento do Congresso durante o anno de 1905.

Terminada a leitura do relatorio o thesoureiro apresentou um balanço documentado da thesouraria no exercicio de 1905

Foi nomeada uma commissão de exame de contas e dos actos da Administração que ficou composta de Joaquim dos Santos Catulla relator, e Firmino Pouza e Manuel Leite.

Foi resolvido essa commissão fazer o seu trabalho de dia para ter o parecer prompto para Domingo 7 do corrente.

Foi resolvido o thesoureiro dar sahida em Janeiro de 1906 a 60.000 que gastou no dia 1· de Maio para soltar os socios Manuel Joaquim da Costa e Antonio da Silva Rozas.

Foi resolvido dar ao escripturario uma gratificação de 100$ pelo excesso da escripta durante o anno, e a S. M. A. Amantes da arte 50$000 por ter-se quebrado algumas cadeiras, vidros de gaz e gastos, no dia do Anniversario, na frente da séde..

Assemblea Geral. Reuniu-se em 7 de Janeiro para leitura do parecer da Commissão de exame de contas e eleição da nova Directoria sob a presidencia do Companheiro Delphim Moreira Ramos, secretariado por José Moreira da Silva e Joaquim dos Santos Catula, servindo de escrutadores Marcellino Ramos e Paulino Alves de Carvalho.

Acta approvada.

Foi lido o parecer da commissão de exame de contas o qual pede a approvação das mesmas por serem legaes e pede a approvação do relatorio da Administração o que é approvado a excepção dos actos do relator da Commissão de Soccorros.

Passando-se a eleição foram eleitos, presidente Domingos da Silva Marques; vice-presidente, José Fontella: 1º Secretario, Delphim Moreira Ramos; 2º Secretario Antonio da Silva Couto; thesoureiro, Manuel Coelho Fiuza; thesoureiro adjunto Joaquim dos Santos Catula; procurador Antonio de Souza Dias; commissão de Melhoramentos, Relator, Manuel Delphim Vieito; 1º secretario Antonio Monteiro de Souza; 2º Manuel Edreira, vogaes Benjamin Insuelo e Antonio José de Castro.

Commissão de Finanças; Relator Domingos Pereira Gomes, vogaes Severino Vasques, José Moreira Barão; commissão de soccorros, Relator, Alfredo Alves da Fonseca; vogaes, Antonio Ferreira da Silva e Joaquim da Silva Penedo; commissão de sindicancias; Relator Antonio Morgado, vogaes Zul-

commigo e com o Salta-paredes, não é assim Leonor? O Salta-paredes fez um gesto affirmativo; e a velha encolheu os hombros.

O Napolitano despojou a Blandina do seu pequenino collar de perolas. A velhota foi preparando, entretanto a camasinha para a deitar, esperançosa nas promessas do vadio, e antevendo já o resultado de um bom negocio. Comtudo, o collar deixava-lhe no fundo do coração um desgosto profundo.

E tendo terminada esta missão, os dois gatunos dispunham-se a sahir d'aquella posilga quando o Napolitano se lembrou de recommendar á velha megera:

Tenha cuidado, tia Leonor; não vá fazer asneira no caso, porque a minha e a sua vida criminosa são a melhor garantia que posso ter em caso que queira dar somiço a creança. Estime-a bem, e tenha sempre de memoria que se ella morrer nas suas mãos vamos ambos parar ás costas de Africa, ou bailamos na corda, comprehende minha querida mãe?

E sahiu para a rua. As suas ultimas palavras fizeram estremecer a velha. Operou-se n'ella ou por melhor dizer, no seu animo endurecido uma revolução espantosa. Apenas os vadios transpozeram os hombraes da porta, deu uma volta á chave, e voltando para junto da creança escondeu o rosto entre as mãos e poz-se a chorar. Que haveria de mysterioso no coração d'esta mulher? Acaso a sua alma endurecida poderia dar logar ao sentimento? Teriam lagrimas os seus olhos?

Napolitano, disse gravemente o Salta-paredes mal se acharam na rua; acabas de votar tudo a perder!

Acabo de salvar a tua e a minha dignidade; acabo de praticar um acto que me consola o espirito, e me dá

Sim?! fez a velha prestando a maxima attenção á narrativa que o Napolitano ia principiar.

— Esta noite, continuou elle, seriam onze horas, pouco mais ou menos estavamos na rua dos Clerigos, á entrada da rua do Correio, quando chegou ao pé de nós o maldito do *Carquejeiro* com este embrulho. Vinha á correr, e botava os bofes pela bocca fóra. Conheceu-nos á luz do candieiro, e parou, dizendo á muito custo que não podia correr mais. Como elle não rouba senão creanças, o embrulho que trazia logo nos pareceu uma d'ellas!

A tia Leonor arregalou os olhos e disse:

— E é essa que trazes ahi?!

— Eu lhe conto, proseguiu o vadio. Perguntei-lhe se effectivamente era alguma creança roubada a pessoas ricas, e respondeu affirmativamente. Pego, então, do embrulho, e vi que o *Carquejeiro* não mentia. Mas a grande asneira que commettemos foi em não corrermos em seguida d'elle, porque o maldito avistou um vulto ao longe, á luz do outro candieiro, e julgando ser algum de seus perseguidores deixa-nos a creança e vota a fugir como um desalmado sem que até agora o pudessemos agarrar. Passa o individuo por nós, e tivemos occasião de ver que era um viandante qualquer, nem para nós olhou!

— Sim. E agora que pretendeis? perguntou a tia Leonor carregando o sobr'olho em signal de desagrado.

— O que pretendeis, é que vocemecê tome conta d'ella, e procure saber da familia a quem foi roubada que sempre lhe dará uma boa pechincha para repartir commigo.

miro Soares de Magalhães e José Garrido.

Assemblea Geral. Reuniu-se em 14 de Janeiro, para eleições, presidencia de Delphim Moreira Ramos, secretariando José Moreira da Silva e Antonio da Silva Couto; escrutadores Marcellino Ramos e Antonio Coelho.

Foi lida a acta e já se achava approvada.

Expediente. Foram lidos 9 officios dos companheiros, Domingos da Silva Marques, Manuel Coelho Fiuza, Antonio de Souza Dias, Manuel Edreira, Severino Vasques, José Moreira Barão, Antonio Ferreira da Silva. Joaquim da Silva Penedo, e Antonio Morgado, renunciando os cargos para que foram eleitos em assemblea de 7 do corrente.

UM ENCARREGADO MODELO

Companheiros: Sob o titulo acima o nosso orgão «O Congresso» publicou dous artigos nas edicções de 8 e 23 de Dezembro findo no qual nos referimos á pessoa do Sr. Joaquim Paulo dos Santos encarregado da pedreira da rua General Severiano, sobre quem tinhamos recebido queixas de alguns operarios, a respeito dos tratos que o mesmo Sr. Joaquim P. dos Santos dava aos seus companheiros como encarregado da dita officina, porem a vista do documento que temos sobre a meza, somos forçados a declarar que fomos illudidos completamente pelos Srs. q e nos trouxeram a queixa, os que foram tambem unanimes, em assignar o supradito documento. Ora companheiros! Que qualificativo merecem os queixosos a vista da sua dupla cara em vir-nos trazer queixas de um homem que todos em geral affirmam e assignam ser bom encarregado para elles e serem falsas as declarações trazidas nesta srecretaria, aos companheiros em geral cabe qualificar; nos abstemo-nos disso, contentemo-nos com o desprezo.

Com relação aos outros topicos, secundarios, abstamo-nos de nos retrahir, por serem dictados num momento de cholera mal dissimulada e lamentamos o ternos sido illudidos tão levianamente, o que lamentamos sinceramente.

Publicamos o presente em desafronto ás injurias por nos dirigidas á pessoa do sr. Joaquim Paulo dos Santos.

Eis aqui a declaração assignada pelos companheiros da dita pedreira.

"Eu Joaquim Paulo dos Santos.

Aos meus companheiros.

Eu achei no vosso conceituado jornal o Congresso dos operarios das pedreiras um artigo que esse me desmoralisa a minha honra e dignidade onde diz que eu que vos tenho tratado desonestamente com palavras injuriosas que vos tenho feita prohibição de fumar e as vossas necessidades corporaes; onde elles vos pedem para que vos deixeis de me considerar como um socio onde diz que eu vos tenho alterado o serviço para que vos façais muito e mal e que eu vos tenho ameaçado em diminuir os vossos salarios.

Agora peço-vos para que me justifiques se sim ou não é verdade o que diz o Congresso no artigo que fizeram contra mim, agora para eu salvar a minha honra e minha dignidade para que eu possa justificar a verdade de que é falsa a calumnia que levantaram contra mim; agora peço-vos que em defesa de minha honra assigneis aqui se é verdade ou não em como fui eu quem arranjei horario de café n'esta officina e como fui eu quem augmentei salario de alguns companheiros por isso eu vos peço para que vos assigneis n'estas linhas os vossos nomes para minha defesa e como isto que eu digo é a expressão da verdade.

E' falso o artigo que botaram no jornal o Congresso.

José Lopes, José Antonio de Souza, José Pereira Cap, Manoel Aldir, José Durão, Antonio Cal, Benjamin Insuelo, German Gamallo, Bento Pereira, Manuel Pardo, Manuel Beiro, Jesus Lorenzo, Basilio Diez, Nicosio Pousa, Agostinho Ramos de Oliveira, Antonio Ribeiro, José Villas, Ramão Firbeda, Severino Rey, Manuel Pineiro, Bernardino Beiro, Ramon Tullio Castro, Ignacio Insuclo.

O CONGRESSO

Illmo. Snr. ______________________

____

Rua de ______________________

______________________ *N.* ________

RIO DE JANEIRO

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção, rua da Passagem 36.

Os originaes não publicados não serão restituidos.

— Ah, ah! fez a velha ironicamente. Pensas que serei tão estupida a ponto de ficar com esse caustico agarrado ás costas? Vamos, volta pelo mesmo caminho, e vae pôr a creança aonde quizeres, menos aqui. Se soubesse que vinhas propor-me semelhante negocio não te abriria a porta. Olha, põe-na n'um portal que amanhã a policia se encarregará de a levar para a Roda.

— Mas... com um milhão de diabos! exclamou o Napolitano alterando a voz; não vê que pode lucrar muito com este negocio? Vocemecê pode dizer que a achou na rua, quasi a morrer e tratou d'ella, e a restituiu á vida e a seus paes que sem duvida lhe darão uma grande recompensa!

— Fala baixo... Olha que a visinhança pode ouvir-nos... e...

— Não quero saber da visinhança nem dos seus escrupulos. E acabemos com isto! De duas uma: Ou a tia Leonor toma já conta da creança, ou eu deixo-lh'a ficar e fujo.

— E eu atiro com ella á rua.

— O segredo que existe entre mim e a tia Leonor, responde-me por ella. E' para aqui que se trazem todos os furtos... a creança foi um furto, portanto pratico um dos mais sagrados deveres da minha profissão trazendo-a para sua casa!...

— Estás a caçoar?!

— O que estou é a perder a paciencia! E se continua n'essa sua obstinação faço aqui muito *banzé*, a creança vae para a Roda, mas nós todos iremos para a cadeia!

A Blandininha accordou, n'este momento, e a velha temendo um desarranjo na sua reputação para a visinhança e sabendo que o Napolitano era decisivo e terminante nas suas resoluções, mudou de ideia, como a armada que passa da ordem de combáte á ordem Comboi sobre tres columnas mudando de amuras; e resolveu-se a dizer que ficaria com a creança alguns dias.

— Não é, accrescentou ella, pelas tuas ameaças, tenho coração e custa-me ver expor essa creança ahi a qualquer canto da rua... Deixa vêl-a.

Ah! desabafou o Napolitano. Eu logo vi que a tia Leonor não tinha coração de pedra para consentir em tal! A caridade é muito bonita, e esta creança pode vir a ser o amparo da sua velhice, se a educar bem, e se não apparecerem os paes, que a esta hora já terão dado muitos passos em busca d'ella.

Ah! eu vou deitar noticia no *Periodico dos pobres no Porto*, e creio que os paes não se farão demorar em procura d'ella... E' muito linda, e parece que deve pertencer a familia fidalga!

O Napolitano ao entregar o pequenino fardo á receptadora de roubos, reparou que a menina tinha ao pescoço um collar de perolas com uma medalha de ouro.

Ah! deixe vêr, disse elle interessado por aquella circumstancia. Este collar deve ser um signa para se reconhecer a identidade d'ella ainda que seja de hoje a muitos annos! Hei-de guardal-o!

Deixa-m'o ficar, pediu a velha receptadora.

Ah! isso era dos livros; mas levo-o commigo a ver se por elle descubro os parentes da *pequerrucha*.

Vaes guardal-o, talvez em alguma casa de penhores?

Qual historia! Encontrará em mim um fiel depositario. E' mais uma prova de que os paes é gente nobre e rica... Ande, tia Leonor, que depois tem de *estilhar*